



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras - IL

Letras Português

**UMA ANÁLISE DO USO DO PRONOME EU/MIM COMO SUJEITO EM
ORAÇÕES INFINITIVAS NO CONTEXTO DE GRUPOS VIRTUAIS DE
JOVENS BRASILIENSES**

Autora: Júlia Tôrres Ferreira Vaz

Orientadora: Prof^a Dr^a Ormezinda Maria Ribeiro

Brasília - DF

2020

RESUMO

Nesta pesquisa, de caráter sociolinguístico, analisamos a ocorrência da utilização na escrita dos pronomes “eu” e “mim”, na posição de sujeito em frases infinitivas na fala de jovens brasilienses em grupos virtuais. Utilizamos como base a Teoria da Variação Linguística de Labov (2008, [1972]), que tem a intenção de explicar a variação simultânea sistemática da língua em sociedade. Realizamos a coleta de dados por meio de pesquisas em mídias sociais, como o Facebook, nas interações de jovens brasilienses. E, a partir disso, expomos os dados por meio de quadros e gráficos, que mostram a ocorrência das variantes. Assim, de acordo com os resultados obtidos, em falantes de idade entre 18 e 28 anos, constatamos que não houve nenhuma agramaticalidade com o uso do pronome reto, demonstrando que o uso desse se impõe em uma estrutura mais rígida na língua, em que o falante opta por não trocar a sua posição, de sujeito para objeto. Em contraponto, o “mim” é uma opção para o preenchimento do sujeito, como esperávamos, apenas na estrutura proposta, entre a preposição “para” e o verbo no infinitivo. Ainda que o pronome oblíquo seja uma opção para o preenchimento do sujeito, o grupo estudado tende a usar a variante “mim” em menor grau, independente da escolaridade e do grupo virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Teoria da Variação Linguística; Variantes; Agramaticalidade; Escolaridade.

INTRODUÇÃO

Para adentrar nos estudos da Sociolinguística que este artigo propõe é relevante citar os pressupostos de Ferdinand de Saussure (2006, [1916]) ao afirmar que a língua só poderia ser estudada dentro do próprio sistema linguístico. E que a língua se constituía em um sistema estável, sincrônico, homogêneo; caracterizado por um estudo linguístico, com leis específicas descritas somente a partir de suas relações internas, deixando os fatores extralinguísticos de lado.

Em contrapartida, Bakhtin (1997), constata que a língua não poderia ser apresentada como um objeto abstrato, senão como atividade social. Assim, a natureza da língua seria dialógica.

O linguista, William Labov (2008, [1972]), em sua obra Padrões Sociolinguísticos, afirma que não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. E sim, que existe variação e estruturas heterogêneas nas comunidades de fala. E, demonstra, por meio da sua teoria da Sociolinguística Variacionista, que a variação linguística é analisada em relação a fatores externos, classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, lugar de origem, grupo geracional, escolarização, redes de relações sociais.

Neste trabalho, levamos em conta fatores como o gênero do público, feminino e masculino; a escolaridade entre universitários e não universitários; apenas de jovens na faixa etária entre 18 e 28 anos. Os dados coletados no ano de 2017 foram reproduzidos exatamente da mesma forma em que foram postados na mídia social, originalmente, para não comprometer o resultado final da análise.

A rede social digital da qual os dados foram retirados foi o Facebook. Criada há mais de dez anos por um estadunidense, a plataforma proporciona interação entre seus usuários por meio de mensagens instantâneas, fotos, textos, publicações e notícias. Com isso, a comunicação é informal, não sendo necessário se atentar a normas gramaticais, e a escrita é repleta de abreviações e gírias.

O Facebook foi bem aceito no Brasil, sendo o país da América Latina com maior número de usuários. Com essa aceitabilidade, muitos grupos com o mesmo intuito foram formados, e nesses ambientes virtuais as pessoas podem compartilhar, na maioria das vezes, informações sobre determinado assunto.

O principal objetivo deste trabalho, na perspectiva da Sociolinguística de correlacionar sociedade e língua, é analisar e verificar por meio da coleta de dados em mídia social, mais precisamente, a frequência do uso dos pronomes pessoais de primeira pessoa nas orações infinitivas na linguagem virtual dos jovens brasileiros.

E, com isso, apresentamos as concepções de variação linguística e da história dos pronomes abordados, mim e eu. Assim, com este artigo temos o objetivo de contribuir com outros estudos que adotam o mundo virtual como uma comunidade de fala à parte, com suas próprias características linguísticas, aprofundando o conhecimento científico da linguagem utilizada na internet. Não será ignorado que a linguagem usada na internet é uma mistura da linguagem falada e tendências da mídia social.

FENÔMENO EM ESTUDO

De acordo com a Gramática Tradicional, rigorosamente, o pronome do caso reto, no caso o “eu”, que será analisado nesta pesquisa, é usado como sujeito da oração ou predicativo, enquanto o pronome oblíquo “mim” é empregado como complemento.

O Português é uma língua românica, derivada do latim, mais especificamente, do latim vulgar. O latim, que, em seu início era arcaico, utilizado

somente por poucos falantes, tornou-se latim vulgar com a extensão que ele tomou. Graças ao exército romano que tinha contato com todo o Império Romano, foi misturado com outros dialetos, formando, assim, o latim arcaico.

De acordo com Figueiredo (2007), no latim já existia a variação linguística que ocorre no português, o uso do pronome oblíquo “mim” em posição de sujeito. A partir disso, pode-se afirmar a presença do latim até hoje na língua portuguesa.

Cegalla (2008) afirma que orações infinitivas devem ser formadas por sujeito em forma de pronome reto, no caso, “eu”, enquanto o “mim” é empregado como complemento ou adjunto adverbial. Porém, a realidade contemporânea não se qualifica necessariamente nesse uso, sendo possível encontrar na fala casos como, “para mim fazer aquilo”.

Por sua vez, Cunha & Cintra (2008) observa que o português brasileiro apresenta três ocorrências de orações, em que o infinitivo se torna pertinente, e que contém o uso dos pronomes “eu/mim”, são elas: (1) o pronome do caso reto em ambiente de infinitivo, exemplo: “Isto não é trabalho para eu fazer”; (2) o pronome oblíquo “mim” como objeto, exemplo: “Isto não é trabalho para mim”; e (3) o cruzamento de ambos, em que o pronome oblíquo é posto em posição de sujeito em uma oração infinitiva: “Isto não é trabalho para mim fazer”.

É notável a ocorrência da preposição “para”, que sempre precede o pronome, independentemente da posição que ocupa na frase. A fusão entre o caso (1) e (2) é compreensível, devido à posição dos pronomes, sempre após a preposição “para”, além da proximidade semântica entre os exemplos. Porém, Cunha & Cintra apontam que o uso (3) sofre um combate sistemático pelos gramáticos e professores da língua, uma vez que é estigmatizado por sua não previsão na gramática normativa.

Labov (2008, [1972]) explica que a variação sistemática é uma ocorrência que os falantes encontram de ter modos alternativos para expressar linguisticamente um só significado referencial. O caso citado por Cunha & Cintra, mencionado neste trabalho, é um exemplo de variação sistemática, em que o falante produz uma nova forma, provavelmente mais confortável e intuitiva, para se comunicar, sendo que já existem formas anteriores que expressam o mesmo significado, pois os exemplos citados têm um mesmo referencial.

Perini (2005) em sua Gramática Descritiva do Português, diz que a Linguística é feita por pessoas e que o ensino da Língua Portuguesa afeta

diretamente o desenvolvimento e a compreensão dos jovens com os estudos linguísticos. E que não existe uma variedade certa, já que cada situação e ambiente exigem uma variedade própria e adequada para cada situação.

O ambiente de estudo escolhido foram as redes sociais de ambientes virtuais. É esperado que a linguagem utilizada nesse ambiente seja em sua maioria informal, devido à espontaneidade, quase que exigida na internet. A linguagem usada se apoia menos no uso restrito da gramática normativa, e mais na naturalidade, incluindo abreviações para facilitar a comunicação rápida, exemplos: “vc”, “tbm”, “pq”; e a exclusão de letras que não articulamos com frequência, por exemplo, o “d” do gerúndio, “esperano”, o que não é um erro ou um problema linguístico.

A variação estudada é uma variação em nível sintático, o pronome oblíquo que antes era usado como objeto, ocupa então a posição de sujeito, mas analisando a troca da posição é possível notar que há um padrão nas três variações. É sabido que estruturas sintáticas são transformadas mais lentamente durante o período de fala de uma língua.

A linguagem virtual carrega variações na escrita, como as variações citadas, porém, essas ocorrências se dão em maior frequência no campo morfológico. A linguagem virtual é uma extensão da língua falada, por esse motivo, é esperado que no resultado deste trabalho não se encontrem variações sintáticas referente à posição do sujeito fora da estrutura proposta por Cunha & Cintra, porém, para a excelência dos resultados serão coletadas todas as formas possíveis para comparação.

Para realizar estudos sociolinguísticos é necessário compreender o que é variedade, variação, variável e variante. A palavra variedade refere-se às características de um determinado grupo linguístico, que reúne os falantes como a variedade dos falantes que acessam determinada rede social na internet com frequência, por exemplo (COELHO et al., 2015).

As variações ocorrem de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas, e podem ser consideradas um fenômeno cultural adicionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos. Existem, ainda, três tipos de variação linguística. São elas: variação social (diastrática), variação geográfica (diatópica) e variação cronológica (diacrônica).

A variável linguística é a unidade com ao menos duas formas variantes, cuja escolha depende de outros fatores, como sexo, status social, grau de instrução etc (LABOV, 1972).

Dubois (1988, p. 610), diz que se duas unidades linguísticas figuram no mesmo ambiente, e se elas podem ser substituídas uma pela outra, sem que haja uma diferença no sentido denotativo da palavra ou da frase, tem-se, então, variantes.

PESQUISA

1- Variáveis Sociais:

Área coletada: Rede social - Facebook em grupos acadêmicos, ano 2017.

Homens universitários

Faixa etária: 21 a 28 anos

Quadro 1:

Variação	Masculino	Total
Variação 1 - Eu	Inf. 1: "Se eu quiser..." Inf. 2: "Só faltam os dois estágios para eu me formar." Inf. 3 "Mais um pra eu usar."	3
Variação 2 - Mim	Inf. 4: "Pra mim fazer matrícula."	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

- Informante 1: Pronome pessoal do caso reto "eu" com função de sujeito, precedido da conjunção subordinativa causal "se". Frase gramatical.

- Informante 2: Pronome pessoal do caso reto "eu" com função de sujeito, precedido da preposição "para". Frase gramatical.

- Informante 3: Pronome pessoal do caso reto "eu", em posição de complemento, precedido também da preposição "pra" (para). Frase gramatical.

- Informante 4: Não usa a variante "eu" e sim, o pronome oblíquo átono "mim", precedido da preposição "pra" (para). Frase agramatical.

Área coletada: Rede social - Facebook grupos não acadêmicos, ano 2017.

Homens não universitários

Faixa etária: 18 a 28 anos

Quadro 2:

Variação	Masculino	Total
Variação 1 - Eu	Inf. 1: “Pra eu agradecer” Inf. 2: “Mais um pra eu usar.” Inf. 3 “Deixem seu Instagram aí pra eu ver as suas histórias.” Inf. 4 “Quem sou eu pra não ir.”	4
Variação 2 - Mim	Inf. 5 “pra mim pegar mania é uma coisa” Inf. 6 “Pra mim pensar sobre.” Inf. 7 “Pra mim adotar.” Inf. 8 “Pra mim casar no civil.”	4

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

- Informante 1: Pronome pessoal do caso reto “eu” com função de sujeito, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.

- Informante 2: Pronome pessoal do caso reto “eu” com função de sujeito, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.

- Informante 3: Pronome pessoal do caso reto “eu”, como complemento, precedido também de preposição “pra” (para). Frase gramatical.

- Informante 4: Pronome pessoal do caso reto “eu”, precedido de preposição “pra” (para). Frase gramatical.

- Informante 5: O informante não usa o pronome do caso reto “eu”, e sim, o pronome oblíquo átono “mim”, precedido da preposição “pra” (para). Frase agramatical.

- Informante 6: O informante utiliza o pronome oblíquo átono “mim”, ao invés do pronome pessoal do caso reto “eu”, precedido da preposição “pra” (para), gerando assim uma frase agramatical.

- Informante 7: A utilização do pronome “mim”, novamente, na posição do pronome pessoal do caso reto “eu”, precedido, também, da preposição “pra” (para). Frase agramatical.

- Informante 8: O informante também utiliza o pronome “mim”, na posição do pronome pessoal do caso reto “eu”, gerando uma frase agramatical.

Área coletada: Rede social - Facebook grupos acadêmicos, ano 2017.

Mulheres universitárias

Faixa etária: 18 a 27 anos

Quadro 3:

Varição	Feminino	Total
Varição 1 - Eu	Inf.1: “Para eu mandar a reserva.” Inf. 2: “Para eu tirar uma xérox.” Inf. 3 “Pra eu pedir auxílio financeiro” Inf. 4 “... o número pra eu ligar lá.” Inf. 5 “pra eu ter uma noção.” Inf. 6 “Hoje eu estou na dúvida que horas é pra eu chegar?”	6
Varição 2- Mim	Inf. 7 “Pra mim diz que não aparece”	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

De sete informantes, mulheres universitárias, de 18 a 27 anos, seis delas utilizaram o pronome pessoal do caso reto “eu”, como função de sujeito e formaram frases gramaticais. E, somente uma informante, do mesmo grupo pesquisado utilizou o pronome “mim”, precedido da preposição “pra” (para), mas, mesmo assim, formou uma frase considerada gramatical.

Área coletada: Rede social - Facebook em grupos não acadêmicos, ano 2017.

Mulheres não universitárias

Faixa etária: 18 a 28 anos

Quadro 4:

Varição	Feminino	Total
Varição 1 - Eu	Inf. 1 “Pra eu mostrar essa postagem.” Inf. 2 “Pra eu não achar que estou sozinha nesse mundo.” Inf. 3 “Pra eu passar”	3
Varição 2 - Mim	Inf. 4 “Agr vai ficar difícil pra mim ter que dividir a minha atenção”	1

Fonte: Elaborado pela autora 2020.

- Informante 1: Pronome pessoal do caso reto “eu”, com função de sujeito, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.
- Informante 2: Pronome pessoal do caso reto “eu”, com função de sujeito, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.
- Informante 3: Pronome pessoal do caso reto “eu”, com função de sujeito, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.
- Informante 4: Pronome oblíquo átono “mim”, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.
- Informante 5: Pronome oblíquo átono “mim” com função de objeto, precedido da preposição “pra” (para). Frase gramatical.

2. Variáveis Linguísticas: Natureza dos Verbos

Quadro 1: Universitários em grupos acadêmicos, ano 2020.

Gênero	Variante	Verbos Simples	Total
Masculino	Eu	Formar, Usar	2
	Mim	-	0
Feminino	Eu	Mandar, Tirar, Ligar, Chegar	4
	Mim		0

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 2: Universitários em grupos acadêmicos, ano 2020.

Gênero	Variante	Verbos Complexos	Total
Masculino	Eu	Querer	1
	Mim	Fazer	1
Feminino	Eu	Ter	1
	Mim	Dizer	1

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 3: Não universitários em grupos não acadêmicos, ano 2020.

Gênero	Variante	Verbos Simples	Total
Masculino	Eu	Agradecer, Usar	2
	Mim	Pegar, Pensar, Adotar, Casar	4
Feminino	Eu	Mostrar, Achar, Passar	3
	Mim		0

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Quadro 4: Não universitários em grupos não acadêmicos, ano 2017.

Gênero	Variante	Verbos Complexos	Total
Masculino	Eu	Ver, Ir	2
	Mim		0
Feminino	Eu		0
	Mim	Ter	1

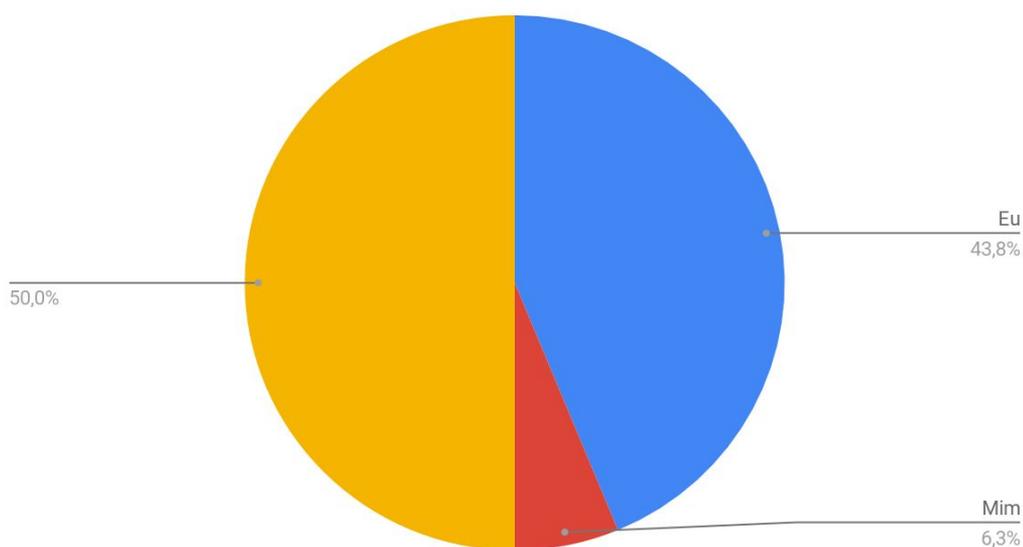
Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Cruzamento das Variáveis Sociais:

A partir da coleta de dados pelo Facebook, escolhemos vinte e quatro pessoas, de 18 a 28 anos de idade. Sendo doze do gênero feminino e o restante do gênero masculino. Dividimos em quatro grupos, e assim, conseguimos analisar em porcentagem a quantidade de falantes que usa o pronome eu/mim na posição de sujeito. A pesquisa foi feita pela rede social Facebook pelo buscador com as palavras “eu” e “mim”.

1.

Mulheres em grupos acadêmicos - Facebook

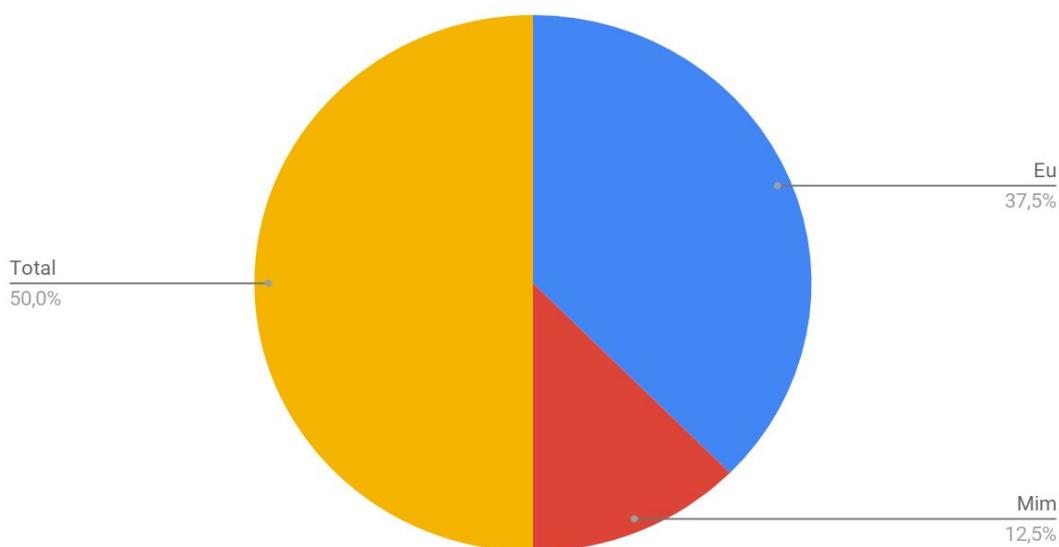


Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Das doze mulheres, seis delas estavam participando de grupos acadêmicos no Facebook, o que nos leva a pensar que a utilização de frases formais é maior. Esses dados mostram que 43,8% delas optou por usar o pronome “eu” como sujeito, formando frases gramaticais. E, somente 6,3% usaram o pronome “mim”.

2.

Mulheres em grupos não acadêmicos - Facebook

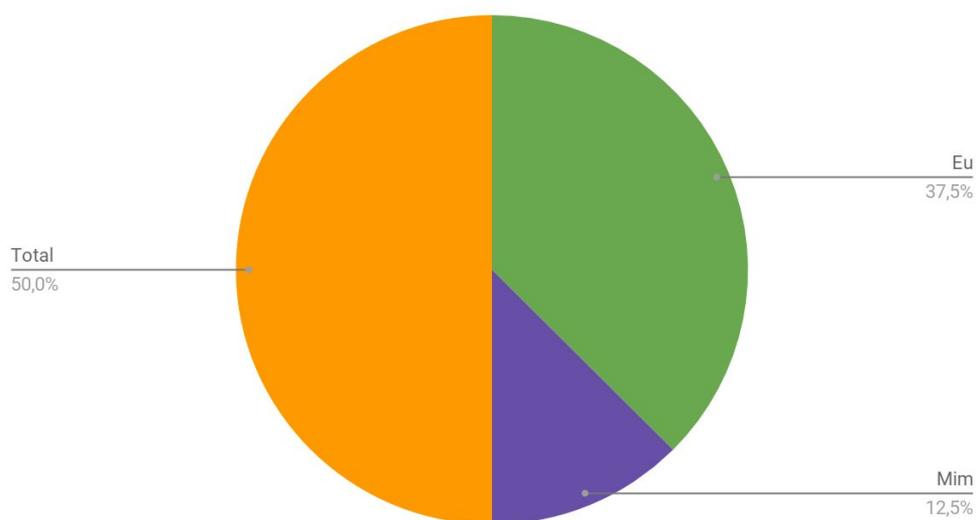


Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Já as outras doze mulheres que participam de grupos não acadêmicos a utilização do pronome “mim” como sujeito foi mais recorrente, 12,5%, e do pronome “eu” foi de 37,5%.

3.

Homens em grupos acadêmicos

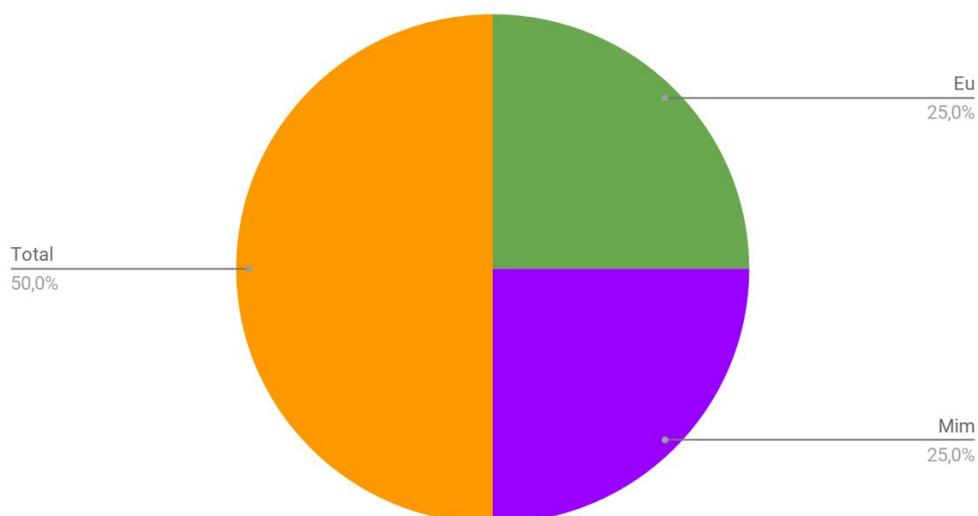


Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Os outros doze homens também foram divididos em dois grupos, assim como as mulheres. E, em grupos acadêmicos, os homens optaram por usar o pronome “eu” em 37,5%. E, somente 12,5% escolheram usar o pronome “mim” em função de sujeito, formando frases agramaticais.

4.

Homens em grupos não acadêmicos



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Assim como o resultado obtido na pesquisa com as mulheres em grupos não acadêmicos, a utilização do pronome “mim” como sujeito e formando frases agramaticais foi mais recorrente também no grupo de homens, com 25%. E a utilização do pronome “eu” foi também de 25%.

Considerando que a língua portuguesa é caracterizada por sua heterogeneidade, pois é falada por pessoas que vivem e moram em lugares diferentes, observamos que a variação é inerente à língua e esse fator estará sempre em ocorrência.

Na análise, dividimos o grupo observado em quatro, eles foram: mulheres não universitárias, mulheres universitárias, homens não universitários e homens não universitários.

E, foi possível assegurar nas observações feitas que no grupo de gênero feminino não universitário a utilização do pronome “mim” como sujeito foi de 12,5%, e a utilização do pronome “eu” como sujeito foi de 37,5%, um resultado significativo sobre a preferência dos falantes em relação ao uso dos pronomes eu e mim.

Já no grupo de gênero feminino universitário, a utilização do pronome “eu” como sujeito foi de 43,8% e do “mim”, houve uma considerável redução, de 6,3%.

Analisando o grupo de gênero masculino universitário a utilização do pronome “mim” como sujeito nas frases foi de 12,5% e o uso do pronome “eu” foi de 37,5%. Entretanto, o grupo de gênero masculino não universitário a utilização do pronome “eu” diminuiu para 25%, já a utilização do “mim” como sujeito foi maior, de 25%, como mostra no gráfico do cruzamento das variáveis sociais.

Posteriormente, foi analisada a natureza dos verbos utilizada por cada informante e concluímos que a utilização dos verbos simples em grupos acadêmicos é maior que a utilização dos verbos complexos, assim como nos grupos não acadêmicos. Os falantes observados, em sua maioria, utilizam verbos simples com mais frequência em redes sociais informais. E, além de ser mais recorrente, também está mais presente com o pronome eu, do que com o pronome mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visamos, com este trabalho, a partir de buscas em grupos na rede social Facebook, analisar e perceber como a variação linguística está ocorrendo em uma plataforma predominantemente informal, como um grupo de homens e mulheres, na

faixa etária entre 18 e 28 anos, universitários e não universitários brasileiros usam o pronome eu/mim como sujeito em orações infinitivas. E, a partir desses dados, conclui-se que os pronomes “mim” e “eu”, apareceram não somente como sujeito, mas também, como complemento verbal. E a ocorrência da utilização dos verbos simples e complexos foi praticamente igual, sem muita discrepância.

A partir dos conceitos apresentados sobre a Teoria da Variação, da Mudança Linguística e dos dados coletados é possível afirmar que na escrita, no ambiente observado, não teve ocorrência de agramaticalidade e que o nível de escolaridade foi um fator condicionador para as variações linguísticas presentes nos registros de escrita, assim como o gênero.

Nesta pesquisa predominaram três fatores para a coleta de dados, gênero, faixa etária e nível de escolaridade. Contudo, atentamo-nos ao gênero e ao nível de escolaridade dos informantes.

Nesse sentido, pudemos observar que o gênero tem impacto na ocorrência da variação linguística nos grupos estudados. Os estudos feitos por William Labov (2001), em uma comunidade de fala na Filadélfia, que o linguista chamou de *paradoxo de gênero* (“Gender Paradox”), demonstram que mulheres adotam formas de prestígio com maior frequência do que os homens, e também que as mulheres usam com maior frequência mais formas inovadoras do que os homens.

E, de acordo com Labov, isso ocorre porque as mulheres assumem um comportamento mais conformista a normas sociolinguísticas que são previamente apresentadas. Labov diz ainda que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística.”

Assim como o gênero, o nível de escolaridade também foi um fator condicionador nesta pesquisa. O nível de escolaridade está diretamente associado à ideia de que quanto mais estudo tiver o falante, maior será a chance de fazer os usos linguísticos mais controlados. Por outro lado, os falantes com baixa escolaridade tendem a usar a variedade não-padrão, ou coloquial, da língua.

Coelho et al. 2010, p. 78 afirmam que “falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “*nós vai*” ou “*a gente vamos*”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “*nós vamos*” e “*a gente vai*””

Podemos ver com a coleta de dados que em grupos não acadêmicos há a ocorrência de frases agramaticais, quando o informante utiliza o pronome “mim”, na posição do pronome pessoal do caso reto “eu”.

A Sociolinguística Variacionista não se preocupa, especificamente, em analisar a língua por ela mesma, mas sim, em entender que é necessário levar em consideração os fatores externos. Nesse sentido, entendemos que a Sociolinguística Variacionista auxiliou significativamente para que pudéssemos compreender os resultados obtidos na pesquisa realizada. Assim, esperamos que nosso estudo possa contribuir para futuras pesquisas sociolinguísticas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COELHO, I. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FIGUEIREDO, J.R.M. **Varição e Mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca**. Faculdade de Letras - UFRJ, 2007.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change - Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- PERINI, M. A. **A Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VIEIRA, M. **O Gênero e os Fenômenos de Variação na Fala**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278282124_ARQUIVO_Ogenerosfenomenosdevariacaonafala.pdf